

CONTRACULTURA NO BRASIL DA DITADURA

Counterculture in Brazil of the dictatorship

Ana Noredi Schuster

Sonia Cristina Rado¹

Resumo: A formação da identidade social do jovem brasileiro durante o período da ditadura militar, e sua relação com o movimento da contracultura, que nos anos 1960 explodiu em manifestações simultâneas em vários países, é o tema deste trabalho, que propõe um estudo sobre os movimentos citados durante os anos de 1968 a 1970. Embalados pelos ideais hippies, *flower power* e *beatniks*, que culminaram no festival de música *Woodstock* na cidade de *Bethel*, Estados Unidos, de 15 a 18 de agosto de 1969, essas manifestações de jovens surgiram, especialmente, para protestar contra a guerra do Vietnã, a sociedade de consumo, o imperialismo, o capitalismo e o modo de vida da sociedade de alguns países europeus, como a Holanda e a França. No Brasil, o movimento, teve inicialmente, relação com a música, com a arte e com os posicionamentos políticos e sociais.

Palavras-chave : Contracultura. Ditadura. Identidade social.

Abstract: The formation of the social identity of the Brazilian youth during the period of the military dictatorship, and its relationship with the counterculture movement, which in the 1960s exploded in simultaneous manifestations in several countries, is the theme of this research that proposes a study on the movements cited during the years of 1968 and 1970. Entertained by the hippies, flower power, and beatniks ideals that culminated at the Woodstock Music Festival in Bethel, United States, August 15-18, 1969, these youth demonstrations arose especially to protest against The Vietnam War, consumer society, imperialism, capitalism and the way of life of society in some European countries such as the Netherlands and France. In Brazil, the movement, initially had a relationship with music, art and political and social positions.

Keywords: Counterculture. Dictatorship. Social identity.

Introdução

A formação da identidade social do jovem brasileiro durante o período da ditadura militar, e sua relação com o movimento da contracultura mundial, guardou diferenças e semelhanças nos países europeus e americanos, especialmente com relação às identidades envolvidas nos processos revolucionários, que sacudiam o mundo na década de 1970. Por tratar-se de jovens e de sua formação nesta fase da vida, quando naturalmente surge o espírito contestatário, é necessário o esclarecimento acerca das posições sociais ocupadas pelos sujeitos aqui estudados.

No Brasil, o movimento teve inicialmente relação com a música, de grupos como os Novos Baianos, os Mutantes, Gilberto Gil e Caetano Veloso, além do ícone da contracultura Raul Seixas e suas músicas de protestos e de apologia às drogas. Essa influência dos *hippies* sobre o Tropicalismo gerou discordâncias acerca do real engajamento dos cantores da tropicália com os ideais da contracultura mundial, o fato é que acabaram estabelecendo rivalidades com os representantes da Jovem Guarda e da MPB.

¹ Doutora em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Linha de Pesquisa História e Políticas da Educação, Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, E-mail: belradoalves@hotmail.com.

De acordo com Napolitano e Villaça (1998), o Tropicalismo, logo depois de sua “explosão” inicial, transformou-se num termo corrente da indústria cultural e da mídia. Acabou consagrado como ruptura, em diversos níveis: comportamental, político ideológico, estética. Ora apresentado como a face brasileira da contracultura, ora apresentado como o ponto de convergência das vanguardas artísticas mais radicais (como a Antropofagia modernista dos anos 1920 e a Poesia Concreta dos anos 1950, passando pelos procedimentos musicais da Bossa Nova), o Tropicalismo, seus heróis e “eventos fundadores” passaram a ser amados ou odiados com a mesma intensidade. A corrente musical que servia ao militarismo era a Jovem Guarda, enquanto os cantores da MPB, como Geraldo Vandré e outros, incitavam o povo a lutar contra o regime. A emissora Record TV exibia programas de música de ambos os grupos, acirrando ainda mais os debates, inclusive contra o uso de guitarras elétricas, fato que gerou uma passeata em 1968, organizada pela própria emissora, apoiando os protestos contra o uso do instrumento, que para os representantes da MPB representava uma ameaça que vinha dos EUA, uma tentativa de americanizar nossa cultura, a verdade é que a guitarra acabou sendo incorporada pelos tropicalistas.

No Brasil, tivemos uma edição nacional do festival de *Woodstock*, que reuniu representantes do movimento *hippie*, o festival de Aguas Claras em Iacanga – SP, com a primeira edição em 1975, seguidas de 1981, 1983 e 1984. Essas manifestações já tardias da contracultura indicam que, supostamente, havia uma busca pela liberdade desconectada da identidade revolucionária do início dos movimentos.

Afinal, o que é identidade social? De acordo com Hall (1999), a identidade social está ligada à questão cultural de pertencimento, seja na concepção individual ou coletiva e é influenciada por questões de lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, orientação sexual, crença religiosa e etnia.

Essa pesquisa possui a finalidade de responder à seguinte questão: como ocorreram os movimentos de contracultura no Brasil acerca da identificação das classes sociais dos jovens envolvidos e seus objetivos? Diante desta questão, procura-se objetivamente descrever e explicar sobre quem eram, e como era o comportamento social e político dos jovens da contracultura no Brasil, dos anos de 1968 a 1970.

De modo específico, almeja-se conhecer o perfil social e entender a formação da identidade social e cultural da juventude à época citada; desvendar quem eram, sob o aspecto econômico e cultural, os jovens desse período e seus compromissos com família, trabalho e futuro, mesmo diante do quadro repressivo que a política nacional apresentava naquele momento; entender se houve realmente engajamento político tal qual o movimento *hippie* em outros países, e se houve, que classes sociais foram mais influenciadas por essas ideias de liberdade e oposição ao consumismo e ao imperialismo, que se encontrava em franca expansão naquele período.

Procura-se fundamentar a pesquisa por meio do contexto social do Brasil no ano de 1968, comparando com os movimentos de base contestatória e revolucionária que ocorriam pelo mundo com embasamento em autores como Ventura (1989), Hall (1992, 1999) e Hobsbawm (1992, 2008, 2012).

Ventura (1989) discute que o mundo em transformação de 1968 não terminou na medida em que seu legado é resgatado, pois sempre que jovens se unem em luta e tomam as ruas, em manifestações pacíficas ou não, fazem o resgate dos direitos, que lhes são intrínsecos e conscientizam-se de sua plena cidadania. Ao fazer uma retrospectiva, é possível compreender onde, quando e como se originaram os movimentos sincronizados com o mesmo ideal, em diversos países, simultaneamente, na década de 1960.

É relevante um breve comentário sobre cultura, que é tudo que é produzido e criado por uma sociedade pelo processo social e amparado pelo processo histórico, sejam relações

de trabalho, hábitos, comportamentos, desenvolvimento científico, artístico e filosófico, língua e arte, todas essas manifestações de um grupo social são consideradas como cultura, portanto jamais existiu um povo sem raízes culturais. A forma como essas relações se estabelecem são dirigidas por regras comuns a todos, dentro de uma ética social e uma moral particular de cada grupo. Portanto, tudo que não está de acordo ou não se enquadra na lógica cultural de determinada sociedade está contra, daí o termo contracultura, nascida para protestar contra determinadas ações e *modus vivendi* da sociedade capitalista.

Falando em cultura, de acordo com Hobsbawm (2012), a relação entre arte e poder existiu em várias épocas. Atualmente, as grandes corporações tornaram-se patrocinadoras das artes, como os príncipes e os banqueiros do passado. Hobsbawm analisa o declínio dos grandes intelectuais protestativos. Para ele, a sociedade de consumo ajudou a despolitizar os cidadãos ocidentais, e considera esse fenômeno uma vitória parcial da globalização neoliberal, constatando que os intelectuais de protesto perderam espaço para as celebridades.

Para Guarnaccia (2001), sobre o movimento da contracultura, “os provos”, que é a abreviação de provocadores, iniciou no ano de 1965, em Amsterdam, cidade considerada pioneira da desobediência civil, onde jovens herdeiros da tradição anarquista protestavam contra o excesso de conforto, de segurança e amplo acesso aos bens de consumo. Seus protestos foram os primeiros da contracultura e incitaram outros pelo mundo afora. De acordo com o mesmo autor, esses jovens pioneiros desenvolveram formas de protestos, entre elas vários projetos dos povos, na qual o que pediram os primeiros *hippies* ainda faz parte da rotina de Amsterdam, como o uso de bicicletas “sem dono”, que surgiu como protesto contra os automóveis, a emancipação sexual, sobretudo homossexual, o uso e a liberação da droga conhecida como maconha.

Guarnaccia (2001) afirma que a Holanda nunca se recuperou das loucuras *hippies*, do *flower power* e das viagens fora da realidade oferecidas pelo LSD e a maconha. Para o autor, todas as outras sociedades contemporâneas voltaram à realidade, enquanto a Holanda continua a viver nas nuvens da contracultura. Esse retorno a realidade teria ocorrido pela massificação da cultura, pela sociedade de consumo e o capitalismo.

Nos Estados Unidos da América, o movimento contracultural conservava em sua base a classe média intelectual de jovens universitários, que tiveram os *beatniks* como precursores, desejavam liberdade sexual, valorizavam a natureza e a paz, alimentação natural, anticomunismo, crítica ao imperialismo e sua política de exploração e contra os veículos de massa, esses valores eram contrários a uma sociedade organizada e em expansão, como era (é) a sociedade norte-americana, que se alicerçava como potência imperialista.

Na França, o movimento focava na contestação dos padrões sociais do mundo ocidental, jovens franceses buscavam mais liberdade dentro da própria sociedade em que viviam. O movimento inicialmente estudantil de classe média passou a contar com a adesão da classe de trabalhadores insatisfeitos com a exploração no trabalho.

No mundo inteiro, tantos nos países socialistas como nos capitalistas, ocorreram revoltas e protestos, que chegaram ao Brasil inicialmente pelos jovens universitários e intelectuais também da classe média.

Levando em conta que no compasso da ditadura militar estavam os jovens de classe média, artistas, intelectuais, políticos de esquerda e a classe operária, que durante os anos 1930 e 1940 dedicaram seus esforços na conquista de seus sonhos, movidos pela esperança no trabalho regulamentado pela CLT e também em pequenas conquistas feministas, como o voto da mulher, e mais algumas modestas reivindicações reguladas pelo regime vigente, cabe aqui a pergunta que orienta todo o caminho que será percorrido pela pesquisa: estariam os jovens da contracultura da geração de 1968 a 1970, engajados em lutas políticas e libertárias, como ocorria nos movimentos homônimos espalhados pelo mundo, com os movimentos operários

internos ocorridos nessa fase nas maiores cidades do Brasil, ou somente buscando uma forma de fugir da linearidade traçada pelas famílias de classe média e assim negar os ideais dos pais no que tangia ao futuro de suas relações trabalhistas, sociais e familiares? Seguindo esse viés, resta indagar se esses jovens buscavam realmente uma revolução social profunda ou apenas uma forma de se aproximar de drogas, sexo fácil e transgressões que se travestiam de liberdade?

Afinal, os anos 1960 e 1970 foram formadores de opinião e consciência social em todas as camadas da população ou apenas em determinados grupos engajados, que de chofre foram reprimidos e banidos do país, deixando o saldo desolador do não conformismo e desejo de liberdade naqueles que aqui ficaram a resistência de quem nunca desistiu da luta pela liberdade, mesmo pagando, muitas vezes, com a própria vida o preço do sonho de um país melhor.

Esses acontecimentos mudaram realmente os rumos do pensamento da sociedade à época, ou decretaram um fim em si mesmo com a manipulação das massas revolucionárias, seja por força do regime militar ou da própria sociedade de consumo, que acabou tragando os ideais reformadores da onda *hippie* no mercado fonográfico, no mercado clandestino de drogas e na moda, deixando para trás sua proposta de sociedade alternativa. Por fim, analisar o movimento no Brasil e os atores envolvidos, bem como traçar paralelos entre os movimentos de contracultura dos anos 1968 a 1970 e os movimentos engajados da juventude no tempo presente.

Movimentos dos estudante e da juventude

No ano de 1968, o Brasil e outros países se encontravam em plena efervescência política e social, as grandes mudanças que ocorriam em quase todos os países, tanto nos capitalistas quanto nos socialistas, são explicados pelo Historiador Eric Hobsbawm em seu livro “A era dos Extremos”. Para ele, o crescimento repentino dos números da educação, especialmente do ensino superior, são um dos motivos que explicam as mudanças da década de 1960, e embora aparentassem uma ação em conjunto, tinham nuances diferenciadas em cada país que ocorriam. Em concordância com o Hobsbawm, no Brasil, os movimentos eram realizados por jovens estudantes universitários, militantes políticos e artistas engajados em lutas contra a ditadura militar.

Nascidos em berço “esplêndido”, nem todos os jovens da classe média participaram destes movimentos, os mais politizados faziam parte de partidos políticos de esquerda junto a artistas que despontavam no cenário nacional usando a arte como objeto de contestação.

Nos EUA, o movimento de contracultura protestava contra a guerra do Vietnã, o mercado de consumo e o imperialismo. Na França, os jovens lutavam contra o próprio sistema educacional e pelos valores morais da sociedade, que julgavam incompatíveis com os novos tempos. No Brasil, a passeata dos cem mil, em 26 de junho de 1968, foi um protesto contra a ditadura militar. Na passeata, encontravam-se estudantes, mães, padres, intelectuais e artistas, descontentes com o governo militar.

Ganharam força com os movimentos estudantis também os movimentos em favor das minorias, que tiveram suas raízes na própria contracultura, como as lutas feministas, os movimentos contra o racismo e a homofobia, as lutas em defesa do meio ambiente, as reivindicações dos sem-terra, entre outros, que ganharam adeptos e fazem hoje a diferença nas lutas de grupos engajados da atualidade.

Ventura (1989), que se notabilizou em narrar esse período, em sua pesquisa intitulada: “1968: o ano que não terminou”, explica que os militares destruíram promessas do governo João Goulart e as esperanças de uma sociedade livre das injustiças sociais. Em seu estudo, Ventura aponta como força propulsora dos movimentos de contracultura no Brasil os estudantes

das principais capitais brasileiras, intelectuais e artistas. Ao analisar as páginas escritas pelo citado autor, fica claro que esses jovens revolucionários possuem uma característica comum, são oriundos da classe média, a mesma que apoiou o golpe militar de 1964.

O autor questiona se esses movimentos típicos de classe média teriam um real engajamento político e revolucionário, com as mesmas propostas dos movimentos *hippies* pelo mundo, ou para os jovens brasileiros desse período, era somente uma forma de fugir da repetição da história vivida pelos pais, obrigando-os a se transfigurarem em revolucionários, que mais tarde retornaram a mesma posição reacionária, da qual tentou-se fugir, que predestinava esses jovens a vida que foi delineada por sonhos e ideais de conquistas econômicas e sociais traçadas pelas tradicionais famílias das classes médias e altas da sociedade brasileira.

A comercialização e o consumo de bens, que se tornaram ícones da contracultura, como as drogas, a música e o vestuário, movimentaram e alimentaram a sociedade alternativa, a mesma que combatia o consumismo e a exploração do planeta.

A própria contracultura movimentou um mercado consumidor milionário, de moda, discos e drogas, já que a partir do momento que surgiu gerou um extraordinário lucro para empresas de música, e para o mercado ilegal de drogas sintéticas e outros alucinógenos, que naquele momento estava em expansão e era amplamente comercializado na América do Norte, principalmente entre os jovens *hippies* da contracultura em todos os países onde o movimento ganhou força, naquela época de grandes revoluções sociais. Neste contexto, Hall (2003, p.45-46) apresenta que:

A identidade forma-se na base da família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, etc., enfatiza do ponto de vista político e social a forma como somos formados e produzidos como sujeitos “generificados”, isto é, politizou a subjetividade e expandiu a formação das identidades sexuais e de gênero.

Assim, dentro desse pensamento, esses jovens, apesar de ensaiarem uma reação de contracultura e revolução, mantinham os mesmos ideais burgueses de família e trabalho, repetindo as gerações anteriores desta mesma classe social.

O filme “Opinião Pública”, de Jabor (LIMA, 2017), apresenta várias entrevistas com jovens da classe média paulista que confirmam a ausência da preocupação e do engajamento político. Demonstra, nas entrevistas, um comportamento alienado em relação à situação política do momento, deixando claro que os anseios eram por maior liberdade pessoal, longe da realidade dos jovens trabalhadores que, naquele momento, mantinham uma luta constante por trabalho e contra a ditadura.

Dessa forma, os jovens protagonistas do filme eram filhos da classe média, com interesses opostos, na maioria das vezes, em relação a outros jovens brasileiros, priorizando interesses próprios e prazeres momentâneos. A aquisição de discos de grupos estrangeiros e roupas indianas eram marcas de grupos da contracultura mundial, que os caracterizavam e davam a tônica da rebeldia contra o sistema dominante mundial.

Soma-se a esse *status quo* dos *hippies* brasileiros a certeza e a segurança do retorno ao lar e a família após as aventuras juvenis embaladas por drogas e *rock’n’roll*, famílias estas que os receberia de volta ao lar, no fim da aventura rebelde dos anos 1960.

Para Hobsbawm (2002, p. 282), “havia uma necessidade de chocar a sociedade burguesa, os jovens daquela época acreditavam que tudo mudaria através da revolução”. Apoiados na lógica do autor, fica claro que na linha de frente da grande banda revolucionária que passava, tocando e cantando o sonho de uma nova era, estavam artistas que usavam a arte como instrumento transformador de protesto e engajamento, intelectuais e políticos de

esquerda e uma parte dos estudantes da mesma camada social, indivíduos e cidadãos que se lançaram em combates e confrontos, gerando a resistência a ditadura, mesmo sob a censura que, implacavelmente, vigiava e punia com prisões, torturas e exílio.

A contracultura nesse momento estava representada por alguns grupos de jovens de classe média, que buscavam confrontar os valores da família e conquistar a liberdade, seguida do consumo, do prazer que o dinheiro podia proporcionar e que o próprio movimento oferecia, apesar de ter em sua gênese, nos países onde surgiu, a oposição a essa prática. A classe operária oferecia uma forma de resistência diferenciada, que será tratada mais adiante.

Para maior compreensão do período foram realizadas entrevistas orais com indivíduos, sujeitos históricos anônimos que vivenciaram o momento da contracultura no Estado do Paraná. A metodologia deste estudo consistiu na investigação, por meio de entrevistas e da oralidade, acrescentar dados importantes sobre a experiência revolucionária e sua participação no movimento *hippie* do Brasil, explicando e expondo suas vivências ao saírem do ambiente urbano, confortável e agitado pelos acontecimentos políticos no final de 1968, para viver em um ambiente livre do consumismo, cercados de paz e natureza, morando em localidade praiana e vivendo de trabalhos artesanais compartilhados com a comunidade, essas pessoas são hoje pais e avós e falam sobre as motivações que os levaram a aderir a contracultura no Brasil. Dessa maneira, apresenta-se nesse estudo alguns relatos.

Jovem 1, sexo masculino: “procurou-se o isolamento e a forma mais natural de viver para reagir a uma sociedade formatada por valores burgueses que procuravam somente a realização profissional e ascensão social, sua opção foi pautada na busca por liberdade de espírito e com o contato mais próximo à natureza, afastado do cotidiano da cidade grande, tinha a sensação de total liberdade chegando a entender e aceitar a imortalidade da alma, segundo algumas filosofias orientais, em destaque naqueles anos”.

Segundo os entrevistados, o uso de drogas psicodélicas não tinham o mesmo efeito devastador das drogas atuais e não geravam violência, apenas a sensação de liberdade e expansão mental, que não raras vezes, confundia-se com experiências espirituais.

Assim, procurou-se investigar como uma jovem do sexo feminino observava essa temática.

Jovem 2, sexo feminino: “havia um mundo a ser descoberto, um apelo por liberdade e experiências sexuais, aproximação com a natureza e desejo de fugir das imposições verticais impostas pela família, que cobrava uma postura retrógrada em face das conquistas femininas há época”. Segundo a entrevistada, a maior motivação foi a liberdade e o amor livre e sem preconceitos.

Os entrevistados, questionados sobre suas realizações sociais, econômicas e familiares, revelaram-se satisfeitos e sem arrependimentos pelas escolhas feitas no período da contracultura, que se refletem até hoje em suas vidas simples, despojadas dos luxos da grande cidade. O uso de drogas sintéticas e de ervas alucinógenas foi abolido com o passar do tempo, pela conscientização de não fazer uso diante das crianças que nasceram na família. Abolida a prática do uso de entorpecentes, também acabaram se rendendo à alguns caprichos do consumo, inevitável em nosso tempo.

Com relação aos filhos e netos, confessam que temem pela violência, pelas drogas e pelos rumos que a sociedade capitalista tomou, principalmente nas questões ambientais. Quanto à questão política e à repressão militar, os entrevistados concordam entre si, que não foi a maior motivação para a escolha do movimento *hippie* como norteador de suas juventudes, ao contrário, não havia uma grande preocupação política desses jovens ao aderir ao movimento, a grande motivação era o afastamento da forma de vida burguesa e a aproximação de uma vida

mais simples, em busca de uma paz, que não deixava de ser inquietante sob o ponto de vista do caráter de protesto que a contracultura abrigava.

Questionados sobre seus posicionamentos atuais em relação à família e à sociedade, deixam claro que com o passar do tempo, adotaram na educação de seus filhos e filhas, posturas semelhantes aquelas que seus pais tinham em relação a eles na juventude, posicionamentos estes que os levaram a protestar, abandonando o conforto da casa paterna para viver de forma contrária aos valores burgueses que alicerçavam a sociedade dominante.

Esse fenômeno foi observado também pela jornalista Menezes (2013), em que ela relata o mesmo posicionamento dos artistas Lobão e Roger Moreira, que iniciaram suas carreiras artísticas como revolucionários e contestadores sociais, com suas músicas engajadas, e acabaram, segundo a jornalista, como reacionários. Com o passar do tempo, os artistas, ambos músicos do estilo *rock*, música que foi difundida, principalmente, nos tempos da contracultura, e filhos de classe média, haviam levantado suas bandeiras revolucionárias na juventude, possivelmente para contrariar a família e seus valores. Na atualidade, assumem uma postura conservadora e de retorno as origens burguesas.

Cabe aqui ressaltar que a observação do fenômeno se mantém inalterada em épocas distintas e com novos atores, que assim como os jovens *hippies* de 1968, usaram o estilo musical *rock* para protestar, e com um estilo irreverente de falar e vestir, os artistas dos anos seguintes mantiveram a mesma ideologia de juventude que arrefeceu na maturidade.

Atos e movimentos de trabalhadores

De acordo com Giannotti (2009), em seu estudo publicado na ‘revista *Advir*, da UERJ’, o autor discute que ao falar-se sobre esse período importante e conturbado da história mundial, tem-se a tendência de ressaltar lutas e conquistas de países como França e EUA, negligenciando a resistência e a determinação dos jovens brasileiros diante de um regime que calava a tiros, tortura e morte seus opositores, e os fatores que levaram a classe operária, em determinado momento, se tornar silente porém não passiva em suas reivindicações e lutas.

Dessa forma, percebe-se a visão dominante introjetada nos brasileiros a ideia que toda a cultura de fora do país é melhor, utilizando essa farsa como instrumento de dominação, essa característica da burguesia de décadas anteriores, continua nos dias atuais, perpetuando esse equívoco, enfatizando que o brasileiro é um povo pacífico e bonzinho, razão que leva a crer nessa passividade mesmo em tempos onde um fenômeno global como o ocorrido em 1968, carregado de ideologia, esperanças e simbologias, que levava a juventude a rua em projetos coletivos de negação de valores que oprimiam povos pela guerra e pelo imperialismo ditado pela sociedade de consumo.

Para Giannotti (2009), o movimento operário foi o grande esquecido, mesmo sendo destruído pelo golpe vitorioso de 1º de Abril, no Rio de Janeiro, onde milhares de operários e trabalhadores portuários, ferroviários, metalúrgicos, bancários e funcionários públicos foram presos em seus locais de trabalho e em suas casas. Cerca de 50 mil pessoas foram presas e amontoadas em delegacias, bem como três navios ancorados na Baía da Guanabara e um estádio de futebol em Niterói. Essas primeiras prisões tinham como objetivo extirpar o vírus da subversão das fábricas, minas, portos, aeroportos, refinarias e conglomerados de trabalhadores. Os militares caçaram diretorias consideradas de esquerda, mais de 900 sindicatos também tiveram suas diretorias cassadas, presas e perseguidas.

O objetivo do golpe pelos militares era calar a boca dos trabalhadores, evitar greves operárias e ocupação de terras por camponeses. Apoiados pelo capital estrangeiro que se instalava no Brasil, os militares mandavam prender e matar qualquer um que se opusesse a

nova ordem vigente. Nesse quadro, a CGT desapareceu e seus líderes foram cassados, assim a ditadura e o silêncio se impuseram nas fábricas sob o comando verde militar. No entanto, há registros de algumas tentativas, embora infrutíferas, de greves em 1965, 1966 e 1967.

Com a classe operária “sob controle”, os opressores agora precisavam cuidar dos estudantes que continuavam com suas passeatas exigindo melhor ensino, mudanças sociais, melhores condições dentro das universidades, e contestando quanto à questão da educação e seus laços entre a ditadura e os Estados Unidos da América.

Percebe-se claramente a diferença de ideologias entre classes. O que era liberdade, igualdade e fraternidade para uns não correspondia à realidade e anseios de outros.

Tomando ainda como referência o autor Giannotti (2009), três fatores marcaram as lutas operárias no período referido, 1968: A greve de Belo Horizonte e Contagem (MG); o 1º de Maio na praça da Sé (SP); e a greve de Osasco (SP).

Em abril de 1968 nascia tenso no setor operário brasileiro, arrocho salarial e desemprego, em Belo Horizonte, um jornalzinho circulava clandestinamente, chamava-se O Piquete, era produzido em locais como diretórios de estudantes ou por parte de padres engajados na luta, grupos de trabalhadores discutiam a situação nas fábricas em que trabalhavam. Em 16 de Abril, ocorreu uma greve na Siderúrgica Belgo Mineira, que se espalhou por toda a região, operários ocuparam as fábricas e se recusavam a sair, mais de 20 mil operários entraram em greve, exigindo aumento salarial, mas o governo não cedia e os grevistas também não, depois de uma semana, a ditadura mandou que o ministro à época Jarbas Passarinho, oferecesse 10% de aumento que foi aceito e interrompeu a greve.

A manifestação de 1º de maio de 1968 em São Paulo na praça da Sé, foi uma tentativa do governador da Ditadura arrefecer os ânimos para evitar o mesmo que ocorreu em Contagem, porém os operários compareceram com pedras nos bolsos e houve confronto entre os dirigentes e os operários que feriram o governador com uma pedra. Os ocupantes do palanque esconderam-se na igreja e Zequinha Barreto, vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos, ateou fogo ao palanque, esse foi o 1º de maio de 1968 em São Paulo.

Os metalúrgicos de Osasco, satisfeitos e eufóricos com o episódio de 1º de maio na Sé, e achando insustentável manter um aumento de somente 10% que ocorreu em Contagem, paralisaram grandes fábricas da região, inclusive a mais importante a Cobrasma, apoiados por grupos de esquerda como o VPR, POLOP, ALN e AÇÃO POPULAR, garantiram a participação ativa de representantes da própria massa. No dia 17, a cidade estava parada e os manifestantes operários tomaram a Cobrasma, a ditadura reagiu, forçaram o portão da fábrica e prenderam mais de 800 operários, que com as mãos sobre a cabeça foram levados ao DOPS, onde foram torturados e alguns até mortos.

Ainda assim, como símbolo de resistência e luta da classe operária, no mesmo ano, ainda duas greves de menores proporções ocorreram, a primeira em São Paulo na fábrica Lassen, durou uma semana, mas não conseguiu se espalhar. A segunda ocorreu novamente em Contagem, mas a ditadura derrotou o movimento já nos primeiros momentos.

A saber, o ano de 1968 não foi sustentado apenas por aqueles que ilustram os livros didáticos de história e que trazem pequenas notas sobre *hippies*, movimentos de contracultura, músicas engajadas e seus autores, haviam sujeitos históricos anônimos lutando e sofrendo barbáries, tanto quanto aqueles que se tornaram famosos quando de suas prisões, torturas e mortes. Estes homens e mulheres anônimos não lutavam pela liberdade de escolhas sexuais ou pela expansão da mente com drogas caras, mas pela sobrevivência, salários dignos e pelo pão na mesa de seus filhos e famílias. Esses acontecimentos marcaram a classe operária e sua luta por direitos básicos de cidadania no ano de 1968.

Segundo Hobsbawm (1992), estudar os trabalhadores é estudar uma classe e a situação que ela se encontra, seu modo de vida e os movimentos que ela gera, bem como compreender a História vivenciada por esses sujeitos.

Considerações finais

A partir de uma construção teórica e empírica, que nos leva a conclusões significativas relacionadas à área de concentração História Do Tempo Presente, delimitado pelo estudo “A Formação da Identidade Social do Jovem”, foi elaborado o presente estudo, contextualizando com um recorte temporal do período de 1968 a 1970, buscando um maior entendimento sobre a contracultura no Brasil e os atores envolvidos durante o movimento *hippie* ocorrido no período da ditadura militar.

Essa pesquisa procurou responder a seguinte questão: como ocorreram os movimentos de contracultura no Brasil acerca da identificação das classes sociais dos jovens envolvidos e seus objetivos? Diante desta questão, buscou objetivamente descrever e explicar sobre quem eram, e como era o comportamento social e político dos jovens da contracultura no Brasil, dos anos de 1968 a 1970.

A contracultura, por ser um movimento típico da juventude, revestia-se da rebeldia contestadora que surgiu em vários países simultaneamente, com protestos contra guerra, consumismo, capitalismo, contra a falta de liberdade de expressão e a opressão, sendo que, em cada país haviam reivindicações próprias das sociedades na qual ocorreram.

Pode-se também observar, segundo Ventura (1989), os momentos vivenciados em 1968 que permanecem na atualidade. Para o autor, talvez não devêssemos debitar todos os acontecimentos, como permissividade, derrotismo, promiscuidade e anarquia, na conta de 1968.

A permanência e a evolução da pílula anticoncepcional. Permanência e evolução da maconha e do LSD para drogas mais potentes e destruidoras. Avanço do feminismo que em 1968 teve início com o uso da minissaia, um avanço que ainda necessita de amparo, pois a mulher, apesar de ter se inserido no mercado de trabalho, ainda precisa de equiparação salarial, além da violência que aumentou nos últimos anos. Movimento negro e movimento gay que são evoluções dos movimentos de 1968, atualmente esses movimentos levam milhões às ruas. Movimento ecológico que também começou em 1968. As rupturas apontadas por Zuenir Ventura em sua entrevista foram: o fim do pudor e do recato. As passeatas foram substituídas por e-mails e internet. A evasão da privacidade, celebridades desejam que suas privacidades sejam invadidas. Morreu a utopia de mudar o mundo pela revolução. Sai de cena Freud e entra Cooper, de 1968 para cá o mercado constrói o corpo, a anorexia foi inventada pelo mercado de consumo que estabelece as regras de padrão de beleza. Segundo o autor a herança maldita de 1968 para nós, foi às drogas (VENTURA, 1989, p. 11).

Outro movimento analisado, passando pelos *beatniks*, *flower power* e *hippies*, podemos citar os filhos desses que são: a luta pelos direitos da mulher, o movimento em prol da ecologia e do meio ambiente, o combate ao racismo e à homofobia, todos originários dos movimentos contraculturais.

De acordo com estudos da sociedade à época, e analisando a formação da identidade social dos jovens *hippies*, de 1968, foi possível observar a divisão existente na sociedade em relação ao regime político adotado durante o período, e a permanente luta de classes que apontava para direções opostas mesmo dentro do próprio movimento da contracultura, que de acordo com os interesses de cada classe, levava grupos distintos a posicionarem-se de acordo com suas necessidades e aspirações.

Se por um lado, havia engajamento entre alguns jovens de orientação libertária dentro da classe média, estes seguiram o caminho de partidos de esquerda e suas lutas, junto da classe artística, como o movimento da “Tropicália”, entre outros, que usavam a arte como forma de protesto, mesmo sofrendo severas punições, como prisões, torturas e exílios.

A parcela da classe média que aderiu a contracultura e o movimento *hippie*, não estava preocupada com o sistema repressivo em si, mas usava como bandeira revolucionária o movimento contracultural para obter maior liberdade pessoal, contestar os valores burgueses e viver o amor livre e o consumo de drogas sintéticas psicodélicas, que invadiam o mercado consumidor através do movimento *hippie* com suas músicas de apologia às drogas e ao sexo livre, movimento este que se restringia aqueles que possuíam condições financeiras para aventurarem-se na viagem alucinada da juventude *flower power*.

Um segundo grupo permaneceu alienado frente às aspirações e às revoluções que ocorriam mundo afora, eram jovens também da classe média, que não se opuseram ao regime militar nem aos valores conservadores da família burguesa, perpetuando até os dias atuais os velhos costumes de uma elite tradicional e conservadora.

O terceiro grupo de jovens aqui citados, são da classe operária, com suas conquistas trabalhistas, que movimentavam a economia do país na sua fase de industrialização. Essa camada da população se lançou em lutas e protestos e nas greves que abalavam a paz armada da ditadura militar, são exemplos as greves das siderúrgicas de Minas Gerais e do ABC Paulista, prontamente sufocadas pelo regime na forma de prisões e torturas.

Hall (1992), ao analisar a formação da identidade social do jovem, explica que as velhas identidades que estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Deslocando as estruturas e os processos centrais da sociedade, sendo a identidade um conceito muito complexo e que divide opiniões, alguns teóricos acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, fragmentando também os conceitos de classe, etnia, raça e nacionalidade.

Com relação às identidades culturais, as quais foram abordadas no presente estudo, para Hall (1992), há mudanças nos conceitos de identidade e sujeitos nos aspectos do nosso “pertencimento” a culturas étnicas, linguísticas, religiosas, familiares e nacionais.

Partindo da atualidade para lançar um olhar sobre 1968 a 1970, observamos que já havia uma fragmentação dessas identidades jovens quando alguns, apesar de pertencer à determinada classe dominante, saíam em luta engajada contra o sistema que oprimia, ao passo que a maioria permanecia inerte, silente e favorecida econômica e socialmente pelo governo que ela própria elegeu, não conseguindo, no entanto, escapar dessa fragmentação no nível em que se encontravam.

No entanto, a classe operária mantinha-se como bloco homogêneo e não segmentado, estando, mesmo assim, passível de represálias em caso de rebeldia e insurreição contra o governo, o que não impediu, no entanto, que ocorressem movimentos de resistência e até luta armada, por parte dos trabalhadores urbanos que lutaram contra a repressão do governo militar.

O processo de fragmentação com o tempo, e o avanço do capitalismo através do consumo, atingiu a classe trabalhadora, essa fragmentação cultural pode ser explicada também, pelo processo de globalização, fenômeno moderno onde processos transformadores atravessam fronteiras, diminuindo o tempo e o espaço na integração mundial na era da informação rápida.

Quanto à classe média, esta se manteve sólida na questão de identidade cultural e social, por adotar, após a juventude, as mesmas posições ideológicas de gerações anteriores, retornando assim aos valores burgueses fruto de suas relações de poder, comprovadas pelas pesquisas realizadas e pelas entrevistas aqui registradas.

Ao lançar um olhar sobre a juventude atual, vemos que a classe operária está dividida em vários núcleos sociais, o que poderia ter ocasionado essa fragmentação, em observações realizadas, o primeiro ponto observado foi o sistema educacional como uma engrenagem que apresenta sinais de corrosão, as peças em desgaste são exatamente aquelas mais importantes do sistema. Atualmente, levando em conta um grupo social de profissionais de educação, de um lado temos professores desgastados pelas péssimas políticas salariais, desanimados, doentes e engessados em antigos métodos que já não funcionam diante da realidade de uma geração que é fruto do sistema capitalista e de consumo.

Essa fragmentação de identidades culturais e sociais deve-se ao próprio sistema capitalista que massacrou e sacrificou as classes trabalhadoras e reflete-se agora na atual geração que resiste em aceitar valores éticos e morais, na evasão escolar, na falta de perspectiva pelo ingresso no ensino superior e demais problemas sociais e educacionais da sociedade brasileira contemporânea.

A mídia e o mercado ditam as regras de comportamento, gostos, atitudes, moda e desejos. A luta que travamos é diária pela educação, princípios e direitos e contra as desproporções e tendências políticas da mesma mídia e as necessidades e ofertas do mesmo mercado que trouxe o movimento da contracultura de 1968, que lutava contra o consumismo e consumiu o produto da sua luta.

Referências

GIANOTTI, Vito. **O ano de 1968 e o movimento operário no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://nucleopiratinga.org.br/o-ano-de-1968-e-o-movimento-operario-no-brasil-3/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos, Amsterdam e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad, 2001.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, Liv. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. **A questão da identidade cultural**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HOBBSAWM, Eric. J. **Tempos fraturados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Mundos do trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LIMA, Daiane. **Arnaldo Jabor: a opinião pública (1967)**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2SGJHK8Akq0>>. Acesso em: 25 maio 2017.

MENEZES, Cynara. **Por que Lobão e Roger se tornaram dois derrotistas políticos?** 2013. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/05/por-que-lobao-e-roger-se-transformaram-em-dois-derrotistas-explicitos.html>>. Acesso em: 29 maio 2017.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana Martins. Tropicalismo: as relíquias do Brasil em debate. **Revista Brasileira de História**, 1998, v. 18, n. 35, p. 53-75. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102->. Acesso em: 29 maio 2017.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. São Paulo: Objetiva, 1989.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.